



miguilim

VOLUME 13, NÚMERO 1 | JAN-ABR 2024

PERSPECTIVA MÍSTICA DO MODERNISMO BRASILEIRO: OS POETAS E OS POEMAS QUE FIZERAM A REVISTA *FESTA*



MYSTICAL PERSPECTIVE OF BRAZILIAN MODERNISM: THE POETS AND POEMS THAT MADE THE MAGAZINE *FESTA*

Gustavo Santos REIS
Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Alexandre de Melo ANDRADE
Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Rodrigo Michell dos Santos ARAUJO
Universidade Federal de Sergipe, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA

RECEBIDO EM 30/10/2023 • APROVADO EM 30/04/2024

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v13i1.1244>

Resumo

Este artigo se é o produto final do projeto de pesquisa “Modernismo e Mística” (2022/2023), que investigou o caso do mensário de pensamento e arte *Festa*. Encabeçado

por Tasso da Silveira e Andrade Muricy, a *Festa* surge em meio a uma atmosfera de discussões acaloradas e de intensos debates acerca da arte moderna no Brasil. Os intelectuais que compuseram tal revista destituíam a arte moderna do primitivismo dos Andrades (Mário e Oswald) e do futurismo dinamista de Graça Aranha. Com isso, em 1927, cria-se o mensário de pensamento e arte *Festa*, cujo vínculo artístico se fundamenta primordialmente no ideal da universalidade espiritualista que reinicia o pensamento e a arte brasileira num estreito vínculo com o místico-filosófico, o qual desemboca numa promessa de renovação e de esplendor da tradição. Dada a sua filosofia dissonante, a revista por muito tempo foi alocada no lado menos barulhento do modernismo brasileiro, o que acarretou uma carência de estudos por parte da crítica especializada. Logo, este artigo intenciona reconfigurar esse quadro ao investigar os poetas-Festa e seus respectivos poemas, mostrando assim o que foi o modernismo espiritualista. Ademais, o artigo nos propicia conceber a importância de tal grupo para a literatura brasileira. À vista disso, entramos em diálogo com determinados teóricos, como Gilberto Teles (2012), Alfredo Bosi (2006), Eugênio Pércles (1979) e Neusa Simões (1971) a fim de compreendermos, panoramicamente, o que foi o modernismo brasileiro. Foi também essencial a leitura dos textos doutrinários publicados no próprio mensário para termos uma noção do modernismo espiritualista apresentado pelos intelectuais e, principalmente, pelos poetas da revista. Por tudo, buscamos com essa empreitada acender as luzes dessa *Festa* que a crítica por muito deixou se apagar.

Abstract

This article is the final product of the research project "Modernismo e Mística" (Modernism and Mysticism) (2022/2023), which investigated the case of the thought and art monthly *Festa*. Headed by Tasso da Silveira and Andrade Muricy, *Festa* emerged amid an atmosphere of heated discussions and intense debates about modern art in Brazil. The intellectuals who made up the *Festa* magazine dismissed the modern art as the primitivism of the Andrades (Mário and Oswald) and the dynamist futurism of Graça Aranha. As a result, in 1927, the *Festa* art and thought monthly was created, whose artistic link was based primarily on the ideal of spiritualist universality, which reinitiated Brazilian thought and art in a close link with the mystical-philosophical, which led to a promise of renewal and splendor of tradition. Given its dissonant philosophy, the magazine was for a long time placed on the less noisy side of Brazilian modernism, which led to a lack of attention from specialized critics. This article aims to reconfigure this picture by looking at the *Festa* poets and their respective poems, thus showing what *Festa*'s spiritualist modernism was. Furthermore, the article as a whole allows us to conceive the importance of this group for Brazilian literature. In view of this, we entered into a dialog with certain theorists, such as Gilberto Teles (2012), Alfredo Bosi (2006), Eugênio Pércles (1979) and Neusa Simões (1971), in order to gain a panoramic understanding of Brazilian modernism. It was also essential to read the doctrinal texts published in the monthly itself in order to get a sense of the spiritualist modernism presented by the intellectuals and, above all, by the *Festa* poets. For all these reasons, we are trying to shine a light on this *Festa*, which critics have allowed to be extinguished for too long.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Modernismo espiritualista. Revista *Festa*. Poesia modernista.

Keywords: Spiritualist modernism. *Festa* magazine. Modernist poetry.

POR UM SENTIDO DA REVISTA *FESTA*: UMA INTRODUÇÃO

Debruçar-se sobre a Semana de Arte Moderna — ocorrida no Teatro Municipal de São Paulo em 1922 — exige uma sensibilidade tamanha e um olhar aguçado tanto para os diversos desdobramentos quanto para várias nuances desse evento que preconizou várias concepções de arte aqui no Brasil. Com isso, queremos dizer que, ao nos determos sobre a Semana de 22, entramos em uma atmosfera na qual vários artistas e intelectuais encabeçados na efervescência do centenário da Independência buscaram, à sua maneira, instituir uma autonomia do pensamento artístico brasileiro, pois nas acepções deles “a nossa independência política não nos alforriou duma dependência mental. O Brasil continua colônia nas letras” (Manotti *apud* Ramos, 1979, p. 254). Nessa perspectiva, cumpre salientar que essa *independência literária* tão almejada por esses intelectuais estava plenamente confortada em fórmulas de procedência europeia. Entretanto, para quaisquer que sejam seus efeitos, uma verdade irrefutável é que a Semana de 22 foi o carro-chefe que marcou de fato o início de uma série de transformações que, por sua vez, remodelou a configuração do pensamento intelectual artístico brasileiro. Tal reconfiguração se efetivou devido à Semana de 22 ter sido “o *ponto de encontro* das várias tendências que desde a I Guerra se vinham firmando em São Paulo e no Rio, e a *plataforma* que permitiu a consolidação de grupos, a publicação de livros, revistas e manifestos, numa palavra, o seu desdobrar-se em viva realidade cultural” (Bosi, 2021, p. 363, grifos do autor). Decerto, conseguimos visualizar que a Semana de 22 foi um evento muito simbólico, já que

[...] os textos arrolados sob o título de O Modernismo Brasileiro, dão bem as proporções do que foi a primeira década do modernismo no Brasil: conferências, editoriais, manifestos, ‘arte poética’, verdadeira agitação intelectual que pode ser sistematizada em quatro grupos que se opõem, ou pelas suas convicções políticas ou pela sua maior ou menor radicalização em face da linguagem e dos temas brasileiros: o grupo de Mário de Andrade, mais ou menos eclético; o de Oswald de Andrade (Pau-Brasil e Antropofagia), o mais radical e revolucionário; o grupo de Cassiano Ricardo (Nhengaçu Verde-Amarelo), nacionalista e neo-romântico; e o grupo de Tasso da Silveira, em torno da *Festa*, de tendências universalizantes e mais ou menos neo-simbolistas (Teles, 1986, p. 33, aspas do autor).

Esse recorte do pensamento de Gilberto Teles (1986) põe em relevo um coeficiente muito importante, que é o fato de que o Modernismo brasileiro não se constituiu de forma una, mas, sim, pelo contrário, ele se corporifica em um plano mais diversificado. Assim, cabe pensar que essa diversidade se materializa dadas as formações de vários grupos modernistas que, por seu turno, se formavam a depender das concepções que cada um abraçava; é por esta via que concebemos o modernismo do Brasil como sendo algo puramente plural e diversificado. Essa logística ainda pode ser potencializada quando pomos em xeque o fato de que “os

modernistas fundavam revistas e lançavam manifestos que iam delimitando os subgrupos, de início apenas estéticos, mas logo portadores de matizes ideológicos mais ou menos precisos” (Bosi, 2021, p. 364). Assim, dentre as várias revistas modernistas oriundas desse momento encontra-se esse periódico.

1 ENTÃO, SURGE A *FESTA*

Publicada pela primeira vez em agosto de 1927, *Festa* — mensário de pensamento e arte, contou com duas fases de publicação: a primeira se estendeu de 1927 a 1929, sendo publicados nesse período trezes números; já a segunda fase aconteceu entre 1934 e 1935, sendo publicados nove números. De modo panorâmico, o grupo *Festa* “se situa do lado do subjetivismo espiritualista, em tensão com o lado dos objetivistas dinâmicos de Graça Aranha e o lado dos primitivistas paulistas dos Andrades, Oswald e Mário” (Silva, 1980, p. 11). Nesse cabo de guerra, “*Festa* está do lado menos brilhante do corpo do Modernismo, pois os focos de luz sempre se dirigiam para os outros lados” (Silva, 1980, p. 11). Isto, em certa medida, apenas reforça a negligência que há por parte da crítica especializada em estudar esse periódico com mais profundidade e detalhamento.

A origem da revista supracitada se deu em uma atmosfera de discussões e debates sobre arte moderna. Imbuídos nesse contexto, os fundadores da revista Tasso da Silveira e Andrade Muricy aderiram a uma concepção de arte moderna pautada no universalismo espiritualista. Assim,

[...] numa roda literária no Café Gaúcho, na esquina de São José com Rodrigo Silva, [...] apareceu alguém com a revista *Máscaras*, de aspecto bem modesto. Tasso teve a ideia. Lançariam uma revista assim. O custo seria pequeno, facilmente coberto com subscrições. Haveria proprietários. Uns poucos, entre eles Tasso e Muricy, subscreveram no ato. Restava a questão do nome. — O nome? Já temos — disse Tasso. E virando-se para Muricy, concluiu: — É *Festa*, do teu livro (Silva, 1980, p. 14).

Portanto, foi a partir daí que surgiu essa revista, que mais tarde Tristão de Athaíde viria nomear como a terceira corrente modernista (Athayde, 1927, p. 16). E logo no 1º de agosto de 1927, temos o primeiro número da revista sendo oficialmente publicado, trazendo consigo o “Poema-Manifesto” de Tasso da Silveira (1927) no qual projeta de modo panorâmico a ideologia artística valorizada pelo grupo. Vejamos um recorte deste poema:

A arte é sempre a primeira que fala para
anunciar o que virá
E a arte deste momento é um canto de alegria,
uma reiniciação na esperança,
uma promessa de esplendor.

Passou o profundo desconsolo romântico.
Passou o estéril ceticismo parnasiano.
Passou a angústia das incertezas simbolistas.

O artista canta agora a realidade total:
a do corpo e a do espírito,
a da natureza e a do sonho,
a do homem e a de Deus,

canta-a, porém, porque a percebe e compreende
em toda a sua múltipla beleza,
em sua profundidade e infinitude.

E por isto o seu canto
é feito de inteligência e de instinto
(porque também deve ser total)
e é feito de ritmos livres
elásticos e ágeis como músculos de atletas
velozes e altos como subtilíssimos pensamentos
e sobretudo palpitantes
do triunfo interior
que nasce das adivinhações maravilhosas...

O artista voltou a ter os olhos adolescentes
e encantou-se novamente com a vida.

(SILVEIRA, 1927, p. 3).

Em linhas gerais, este “Poema-manifesto” (1927) resguarda em si toda a ossatura que sustenta a linha filosófica desse grupo. Não obstante, os da *Festa*, diferentemente das outras correntes, não se articulavam pelo viés da ruptura nem pelo viés do futurismo, mas, pelo contrário, eles se articulavam pela renovação, pela continuidade com a tradição, por isso “*a arte deste momento é um canto de alegria, / uma reiniciação na esperança, / uma promessa de esplendor*”. Assim, ao invés de aderirem à ruptura ou ao futurismo, eles preferiram olhar para o passado; manuseavam sua ideologia de arte pela via da tradição. Nessa conjectura, “os homens desse mensário de Arte e de Pensamento [...] são intelectuais seguidores da mesma linha de pensamento [...] de cunho espiritualista, preocupados com a Vida e o Destino, e que, antes foi o grupo de *América Latina*, de *Árvore Nova*, *Terra do Sol*” (Brandão; Martim; Bueno; Ferrarini, 1995, p. 23, grifos do autor). Cabe ainda dizer que tanto a proposta do grupo quanto o seu nome conversam muito com o programa de Tasso de querer

[...] mostrar que o espiritualismo e essa reação espiritualista não representavam uma reação pessimista, introvertida, passadista, retrógrada, antimoderna, mas que era o contrário. Ao mesmo tempo, não era o sarcasmo, a ironia ou ataques, polêmica ou então, a orientação revolucionária, destruidora que, em grande parte, tinha o grupo de S. Paulo. Então, Tasso lançou a ideia da alegria moderna, da poesia como uma afirmação da vida, como sendo a vida sobrenatural, não apenas uma negação da vida natural, mas um prosseguimento da vida natural (Simões, 1977, p. 118).

Com isso, concebemos que tal periódico é um território no qual o espiritualismo universalista se arquiteta como sendo, nas palavras de Simões (1977, p. 119), o próprio movimento da “alegria moderna, da poesia como afirmação da vida”. É partindo desse pressuposto que os intelectuais que compuseram o quadro de publicação delimitaram o “espiritualismo e a liberdade criadora, a liberdade estética, o verso livre e, ao mesmo tempo, a afirmação da vida e do espírito, como sendo a força que dirige a vida e não o realismo, o sarcasmo e a ironia” (Simões, 1977, p. 119). Tal conjectura é seguida fielmente pelos integrantes da revista, que fazem escorrer para seus textos essa filosofia espiritualista.

2 A FILOSOFIA ESPIRITUALISTA OU AS PROJEÇÕES MÍSTICAS NA *FESTA*

Essa filosofia espiritualista, pregada pelos artistas-*Festa*, emana a partir da necessidade de criar uma tendência artística que leve em consideração o “estado de espírito criador e expressivo” (Silveira, 1927, p. 9), ou seja, uma ideologia artística que considera aquilo que Tristão de Athaíde chamou de “uma terceira condição fundamental de nossa arte. O elemento espiritual. Uma mística criadora” (Silveira, 1927, p. 8). Assim, para Athaíde, a *mística criadora* é um elemento que traz para a arte moderna “um valor de espírito que o puro dinamismo quantitativo [de Graça Aranha], não poderá trazer-lhe, e uma seriedade que sempre faltará aos artifícios do primitivo [dos Andrades, Mário e Oswald] (Silveira, 1927, p. 8, grifos nosso). Logo, o místico mantém uma relação muito intrínseca com a espiritualidade, por isso sua conceituação é um aspecto importante para entendermos na íntegra o modernismo espiritualista. Além disso, a sua definição é uma atividade imprescindível porque além de nos ajudar a entender a filosofia dos poetas-*Festa*, ela nos dará um suporte para analisarmos com mais profundidade os poemas dessa revista.

Essa relação do grupo com a mística advém, principalmente, de suas relações com o movimento simbolista brasileiro, pois para esses intelectuais o simbolismo brasileiro foi o período em que se instaurou no país esse transcendentalismo místico. Destacamos, porém, que não há uma correspondência com a “estrutura literária [simbolista], mas, [sim], com o ambiente espiritual, que veio trazer na evolução da nossa inteligência — o despertar de nossas ânsias metafísicas-religiosas” (Athaíde, 1927, ed. 6, p. 17). É necessário dizer, ainda, que não era a proposta desse grupo modernista promover uma continuidade da estética simbolista, mas resgatar esse ambiente espiritual para arte do século XX.

Assim, em um primeiro momento, a mística pode ser entendida como um substantivo que expressa “um sentido de oculto, secreto, misterioso” (Magalhães, 2015, p. 31). Isto porque o termo mística advém da ligação linguística que há entre as palavras ‘mito’ e ‘mistério’; e “todas elas derivam do verbo grego *mystikós* (*musterion* = mistério): fechar os olhos” (Magalhães, 2015, p. 31), ou seja, o indivíduo-místico é aquele que transcende a realidade factual, assentando-se na própria abstração da realidade; por conseguinte, eles se voltam para o Divino, ou para o Uno, com o intuito de permear a própria interioridade do indivíduo. Desse modo, o ser místico “é aquela pessoa que consegue ver na história e em todas as articulações da existência humana este fio condutor divino que tudo une, tudo ordena e tudo eleva” (Eckhart, 1999, p. 15). Aplicando essa teoria à realidade do

mensário supracitado, observamos que somente através do sentido de *renovação da arte* é que se consegue transcender essa realidade, aproximando-se do mais íntimo da alma do povo brasileiro. Todo esse panorama pode ser traduzido nas palavras de Tasso da Silveira, no texto “Renovação” (1927), quando expõe que

[...] a renovação, para nós é [...] criação. Nós, do momento presente, temos de exprimir o que já há de efetivo em nós mesmos, a fim de que este primeiro passo estimule as restantes realizações *in fieri*. Temos de definir as tendências profundas de nosso temperamento, a fim de que a vontade consciente precipite as cristalizações latentes. Assim, enquanto a Europa foge a si mesma para não sufocar, a nossa alegria é nos reconcentrarmos em nosso próprio espírito e nos retemperarmos ao efetivo vivo das forças virgens de nossa alma (Silveira, 1927, p. 9).

3 OS POETAS E OS POEMAS QUE FIZERAM A *FESTA* DE 1927 A 1929

Por tudo que já se disse até agora, cabe, por fim, informar que este trabalho tem por intento elaborar um mapeamento dos “que acenderam as lanternas desta *Festa*” de pensamento e de beleza, e são toda uma geração de artistas e pensadores, ainda não começaram a descer a outra vertente da Montanha” (Silveira, 1927, p. 6). Portanto, os resultados dessa empreitada, além de analisar os poetas e seus respectivos poemas, têm por intento contribuir, conforme propõe o pensamento de Tasso, na descida dessa outra vertente da Montanha.

Cumprе salientar que nos detivemos apenas sobre a primeira fase de publicações da revista, que se estendeu de 1927 até 1929, e cujos objetivos pretendidos estão focalizados em: mostrar a importância desse periódico para o modernismo brasileiro; montar uma cartografia dos poetas que compõem essa primeira fase e, por último, selecionar e analisar alguns poemas da revista.

3.1 Por um perfil do artista *Festa*

O mensário de pensamento e arte *Festa* foi uma verdadeira onda renovadora que invadiu o território brasileiro com suas determinações espirituais e imiscui, em nossa realidade, a totalidade universalista da arte como sendo uma nova ideologia artística. Nessa trilha de raciocínio, constatamos que os integrantes desse periódico acreditavam que “toda raça fala através de sua arte” (Abilio, 1927, p. 6); ou seja, para eles, somente com a totalidade da arte é que poderíamos materializar de uma forma mais genuína a alma artística brasileira. Com isso, observamos que os intelectuais que ali publicaram estavam estreitamente alinhados com o pensamento de Tasso quando diz que

[...] a arte desta hora exige profunda e virginal sensibilidade. Porque o verso, ou a prosa, não tem mais a musiquinha costumeira que enganava os ouvidos. Ou corre seiva por este caule, e ele se ergue, ou não corre, e ele tomba; seiva criadora, que brote das subterrâneas galerias do espírito, como um óleo, e traga

nela diluído o fermento dos sentimentos eternos (Silveira, 1927, p. 7).

Tal conjectura abre uma brecha para trazer à baila o fato de que eles implicavam com a emulação da estética estrangeira como sendo a via única para assenhorear a arte brasileira. À luz disso, Henrique Abílio, no texto doutrinário “Fumo da Chaminé” (1927), aprofunda esta discussão dizendo que a originalidade aqui no Brasil peca “porque na maioria dos casos é apenas imitação, é imitação no pior sentido: não assimilada nem sentida e, portanto, inadequada e falsa” (Abílio, 1927, p. 18). Não obstante, Abílio é mais cirúrgico ao dizer que “o artista só se afirma verdadeiramente pelo que haja de sinceramente espontâneo na sua arte. [...] Se o artista não é — é inútil querer ser” (Abílio, 1927, p. 18). Com vista disso, projeta-se que o artista deve se valer pela linha da espontaneidade, não devendo emular outro ser a não ser a si próprio em face do universo. Logo, observa-se que a figura do artista está enquadrada em uma verticalidade universal, no qual a sua atitude “é escutar-lhe as vozes profundas e fixá-las, transfiguradas pela equação pessoal, na expressão tangível e humana que lhe torna possível a existência objetiva” (Abílio, 1927, p. 7). Assim sendo, os poetas que fizeram parte dessa revista são uma peça-chave para entendermos como essa *onda renovadora* se sucedeu e como essa concepção de arte universalista espiritual está traduzida nos poemas que ali foram publicados.

3.2 As faces dos poetas-Festa

Doravante, apresentaremos agora os artistas que compõem a moldura da primeira fase desse periódico. Tasso da Silveira, no texto “A enxurrada” (1927), faz uma introdução dessas figuras que tiveram alguma contribuição para a efetivação da onda renovadora. Nas palavras dele,

[...] a onda renovadora —, a verdadeira onda renovadora de nossa arte — é um fato! Mais impetuosa noutros, ela transmitiu os seus profundos estremecimentos ao espírito comovido de duas a três dezenas de artistas, que são hoje a nossa glória jovem e a consoladora certeza dos nossos destinos espirituais (Silveira, 1927, p. 7).

Portanto, é imperioso saber quem são essas *duas ou três dezenas de artistas de espírito comovido*. Para esse serviço de identificação, é mister se debruçar sobre a revista a fim de conhecer os artistas que ali circulavam. Como resultado dessa empreitada exploratória, segue de modo tabelado os poetas e seus respectivos poemas que foram registrados nessa primeira fase do periódico:

Poetas e poemas da revista *Festa*
Primeira Fase
 1927

POETA	POEMAS	EDIÇÃO
Cecilia Meireles	<i>Casulo</i> – pág. 5 / <i>O canto da Jandaia</i> – pág. 6 / <i>carnaval</i> – pág. 11 / <i>poemas</i> – pág. 3 / <i>Sombras</i> – pág. 7 / <i>três brinquedos do menino poeta</i> – pág. 4	1 3 5 8 10 12
Barreto Filho	<i>Canção oriental</i> – pág. 7 / <i>Música de sandálias</i> – pág. 14 / <i>A amada imóvel</i> – pág. 5 / <i>upanishads</i> – pág. 5	1 4 6
Murilo Araújo	<i>Canto da Pátria Jovem</i> – pág. 9 / <i>O viajante perdido</i> – pág. 5 / <i>A história certa do Sacy</i> – pág. 10 / <i>Um pouco de história universal</i> – pág. 10	1 4 8 11
Walt Whitman	<i>Da saudação ao mundo</i> – pág. Walt Whitman (trad.) / <i>Poemas de Whitman</i> – pág. 14	1 5
Gilka Machado	<i>Uma cantiga da “cigarra de fogo”</i> – pág. 7	2
Adgar Renault	<i>E a vida sorriu...</i> – pág. 9 / <i>o amargo desalento [inveja – a triste alegria – indiferença – poemento matinal]</i> – pág. 7	2 5
Lacerda Pinto	<i>Da – “terra distante”</i> – pág. 11 / <i>o poema colorido</i> – pág. 17 / <i>as estrelas</i> – pág. 17	2 6
Tasso de Silveira	<i>Quatro carvões e uma aquarela [Gênese - As cabras – Feira – As laranjas – Humus]</i> - pág. 7 / <i>As represas abertas</i> – pág. 6 / <i>Antologia</i> – pág. 6 / <i>poema manifesto</i> / <i>Batuque p’ra começar</i> – pág. 2	3 4 13
Carlos Drummond de Andrade	<i>Sweet home</i> – pág. 13	3
Francisco Karam	<i>A hora eterna</i> – pág. 8	3
Wellington Brandão	<i>O canto oracular</i> – pág. 15 / <i>A cidade inocente</i> – pág. 7 / <i>A última fábula</i> - pág. 11 / <i>Salmo à raça</i> – pág. 17	4 6 9 10
Rafael Barbosa	<i>Arlequinada</i> – pág. 15 / <i>Prece</i> – pág. 5 / <i>Descanto</i> – pág. 5	6 12
Augusto Meyer	<i>Oração</i> – pág. 5	7
Juana de Ibarabourou	<i>Noite de Chuva</i> – pág. 10 (trad.)	7

1928

POETAS	POEMAS	EDIÇÃO
Afonso Arinos Sobrinho	<i>História do Arco da Velha</i> – pág. 13	8
Bruno de Menezes	<i>Batuque</i> – pág. 21	9
Ballivan	<i>3 poemas de Ballivian de Enrique Bustamante y Ballivián [aquarela – marinha – sombra]</i> pág. 5 / <i>Tarde</i> – pág. 18 / <i>marudez</i> – pág. 18	9 12
Julio Sigureiza	<i>Vervas ao ar</i> – pág. 9	10
Duque Costa	<i>Rhapsodia da hora parada</i> – pág. 5	11
Jorge de Lima	<i>Meu flos Santorum</i> – pág. 9 / <i>Nordeste</i> – pág. 13	11 13
Henrique Abílio	<i>O pântano</i> – pág. 7	12
Guilherme de Castro e Silva	<i>Perigo</i> – pág. 13 / <i>Iluminação</i> – pág. 14	12

POETAS	POEMAS	EDIÇÃO
Eugenio Gomes	<i>Moema</i> – pág. 5 /	13
Heitor Alves	<i>Instantaneo Physionomico</i> – pág. 16 /	13

Desta tabela inferimos que entre os anos de 1927 e 1929 publicaram nesse periódico 20 poetas — destacamos que nesta contagem não levamos em consideração os poetas internacionais (Enrique Bustamante y Balliván, Juana de Ibarabourou e Walt Whitman) nem o poeta baiano, Eugenio Gomes, referenciado na revista; com eles, totalizariam 23 poetas. Já no que se refere aos poemas publicados nessa primeira fase, contabilizamos 51; no entanto, esse número aumenta com os poemas dos escritores estrangeiros e o poema inaugural de Eugenio Gomes, contabilizando 60 poemas. Via de regra, os resultados dessa tabela revelam que a produção artística seguida pelos artistas desse mensário circulam dentro de um escopo que privilegiou uma ânsia criadora e uma busca pela Beleza Suprema. Assim, esses artistas testemunham esse momento em que o poeta evoca o ritmo:

O teu ritmo é a nossa alegria saudável, sem o riso imbecil, sem a atitude idiota, sem a gravidade ridícula: as largas perspectivas batidas de sol, os horizontes amplos, os céus profundos, povoados de astros, e o surto glorioso da tua vida para a grande Vida — uma afirmação heroica e irredutível: nós mesmos conscientes de nós mesmos (Abilio, 1927, ed. 1, p. 15).

Foi, portanto, por meio deles que “salvou-se a nossa arte jovem dos desvios perigosos por onde ia. [E, assim,] foi posto em xeque o arrivismo desenfreado. Acordaram as vozes que devem ser ouvidas. Reafirmou-se o Espírito” (Silveira, 1929, p. 3, grifos nosso). Cabe, agora, fazer a leitura de alguns desses poemas a fim de se observar como se acentua a totalidade espiritualista na produção poética.

3.3 Por louvores de renovação: o canto de *Festa*

Trataremos de alguns poemas que refletem que a *Festa* foi decerto uma “festa dionísica de ritmos, de emoções e de ideias, festa perene de alegria espiritual, a que assistimos maravilhados” (Peres, 1928, p. 21). Para que isso se efetive de maneira satisfatória, tentaremos elaborar um circuito que seguirá a seguinte estratégia: cada poema apresentado albergará um elemento valorizado pelo grupo; assim, ao percorremos os poemas selecionados, estaremos ao mesmo tempo seguindo a linha artística que guiou os artistas do pensamento e da arte.

Iniciamos essa empreitada com o poema “Canto da Pátria Jovem”, de Murilo Araújo, publicado em 1927, no nº1:

CANTO DA PÁTRIA JOVEM
 Quero te namorar, minha terra menina.
 Com o teu saio desta manhã te acho linda:
 o saio do mato! O fichú da garoa...
 e as missangas de teus ribeirões reluzindo!

Quero te namorar, minha terra garrida,
e ainda tremo se toco o teu manto de estrelas —
essa tua bandeira
verde e dourada como uma acácia florida.

Mas venço a timidez: não te quero platônico
num gargarejo ineficaz: “oh minha Pátria, o meu tesouro”

Quero teu ventre de morena sertaneja,
teus montes — pomas que amamentam de ouro...
Quero vencer-te com um vigor de alma potente:
e desbravar-te e fecundar-te impetuoso —
virilmente

Has de gemer com o meu amor não o grito bárbaro
da cachoeira, do brejo, das caatingas...
mas o zunido fino e efusivo dos dínamos
das usinas

Meu esforço será tua glória e alegria...
Quero te namorar minha terra suprema.

E esta manhã, terra menina,
antes da faina,
teu jovem esposo dá-te o beijo deste poema...

(ARAUJO, 1927, p. 9).

De partida, inferimos que este poema se apresenta como uma exaltação à pátria. Aqui, ela é transformada, simbolicamente, em uma mulher que é cortejada pelo próprio poeta. Tal constatação depreende-se das primeiras estrofes, quando o eu poético diz que

Quero te namorar, minha terra menina.
Com o teu saiote desta manhã te acho linda:
o saiote do mato! O fichú da garoa...
e as missangas de teus ribeirões reluzindo!

Quero te namorar, minha terra garrida,
e ainda tremo se toco o teu manto de estrelas —
essa tua bandeira
verde e dourada como uma acácia florida.

O poeta se apropria das paisagens locais e as transforma em vestimentas que, além de adorná-las, qualificam-nas ao ponto que “o saiote do mato”, “o fichú da garoa”, “as missangas de teus ribeirões”, “o teu manto de estrelas”, são peças-paisagens que materializam o amor do eu-lírico para com a pátria jovem (o objeto aqui então cortejado).

Demarca-se também que esse amor, ao qual o eu-lírico preza, não é platônico, isto é, não é um amor inacessível, inalcançável: “*não te quero platônico / num gargarejo ineficaz: << oh minha pátria, o meu tesouro... >>*”, pelo contrário, ele quer algo que se concretize, de modo que seu amor vá além de um simples cortejo, isto é, que seu amor pela pátria possa se consumir:

Quero teu ventre de morena sertaneja,
teus montes — pomas que amamentam de ouro...
Quero vencer-te com um vigor de alma potente:
e desbravar-te e fecundar-te impetuoso —
virilmente

Has de gemer com o meu amor não o grito bárbaro
da cachoeira, do brejo, das caatingas...
mas o zunido fino e efusivo dos dínamos
das usinas

Toda a dedicação e esforço para que o desejo do eu-lírico se efetive será para o objeto amado “*tua glória e alegria*”. Em outros termos, ele quer dizer que por dedicar tanto esforço por amá-la, ela será glorificada, enaltecida e reverenciada em face do mundo. Selecionamos este poema dada a circunstância nacionalista que dele emana. Assim, de modo evidente, o poema põe em relevo o pensamento de Tasso da Silveira quando este diz que

[...] o amor à pátria não é, pois, um vão sentimentalismo, nem um instinto anacrônico. É uma condição, uma lei de nossa humana realidade. E só atingirá o mundo à sua grandeza total pela soma das realizações [no sentido profundo do vocábulo] de todos os povos que saibam ser o que são (Silveira, 1928, p. 8, grifo nosso).

Isto é, ao transformar a pátria em um objeto amado, Murilo Araújo consegue projetar esse pensamento de Tasso em forma de poema, imprimindo, assim, o ideal nacionalista não com sentimentalismo vago, mas, pelo contrário, apresentando um nacionalismo em face daquilo que é universal, pois só assim se conceberá a sua grandeza total. Esta noção é um elemento extremamente valorizado por esse grupo.

Pois bem, se aqui valoriza-se o nacionalismo, no poema que se segue é cantada a importância dos poetas-*Festa*. Trata-se de “O salmo à raça vindoura”, de Wellington Brandão, publicado em 1928, no nº10:

SALMO À RAÇA VINDOURA

A raça redentora
surgirá de um país de planícies profundas
e montanhas ubertosas
— Bárbaros mansos, de feições tranquilas.
Pastores e lavradores
que hão de retomar a Terra
aos que usurparam.

A raça redentora
sairá das profundezas do meu sonho ironizado,
silhuetaando vultos atléticos e augustos
na luminosa espiritualidade que a envolverá

Ouço o canto imenso e comovedor
desses bárbaros benditos, desses guerreiros mansos
que hão de vir retomar-nos
os tesouros que não soubemos dignificar.

Ouço o canto imenso...
A terra se cobrira de um crepúsculo heroico,
na lírica unção de receber esses novos Esposos.

A multidão gloriosa desfilará
ante os nossos corações acovardados
e ante os nossos olhos humedecidos
(porque os nossos corações se acovardarão
e os nossos olhos se humeciderão).

Ó, a alegria dessa hora
na hora infinita da Invasão!
À marcha lenta, irresistível, compassada,
desses soldados, embuçados no Futuro,
varando, como uma grande tromba de ternura,
o coração e a vastidão do Mundo!

(Brandão, 1928, p. 17).

A leitura que fazemos deste poema é que “O salmo à raça vindoura” (1928) faz uma alegoria aos poetas da *Festa*, estes que supostamente viriam trazer a nossa salvação. Trazendo o sentido que foi postado no poema, os poetas são a raça vindoura que “hão de retomar a Terra / aos que a usurparam” e “hão de vir retomar-nos / os tesouros que não soubemos dignificar”, ou seja, o que temos aqui é a profetização da chegada desses seres que têm como propósito a busca pela redenção, pela salvação, pela liberdade, da alma do povo brasileiro.

Com isso, o poeta pressupõe que a raça salvadora surgirá do enlace da tradição com a universalidade. Constata-se isso nesse trecho do poema: “*surgirá de um país de planícies profundas / e montanhas ubertosas*”. Os termos “*planícies profundas*” e “*montanhas ubertosas*” indicam que essa “raça vindoura” virá de um país prima pela continuidade da tradição e da universalidade. Assim sendo, a arte reveladora deste momento se materializa pela profundidade com a tradição e “não se restringe ao limite geográfico das nacionalidades a sua capacidade reveladora, mas [no ímpeto de] integrar a ânsia viva dessas nacionalidades no concerto harmônico da comunhão universalista” (Abílio, 1927, p. 6). Para todos os efeitos, “O salmo à raça vindoura” (1928) conversa com a ideia de renovação espírito-universalista como sendo algo que é plenamente comungado pelos artistas deste periódico.

Outro poema que assenta essa perspectiva de renovação da arte é “Poemas”, de Cecília Meireles, publicado no nº 8, no ano de 1928:

I

Edifica-te:
Longe.
Silencioso,
Só
Edifica-te admirável,
Com altitudes imensas,
E, para além da tua humanidade,
Ser Grandioso, excessivamente...

Cresce sempre,
Como uma árvore de eterna vida...

Escapa ao que atinge a todos.
Constrói-te para um tempo sem fim,
Que nunca te termine,
Ainda que morras todos os dias!

Ser o infindável,
Feito de renascenças sem termo...

Para lá das amarguras humanas,
Ser o que ficará para consolo e exemplo dos que vierem,
E cujo nome será,
Na terra triste,
Bençam imortal para tudo o que vive!...

II

Quando olho para tudo isto que antes foi terra nua,
E que o vento semeou,
Barbaramente,
E que hoje é mata indômita,
Mar negro e farfalhante,
E cheia de feras sombrias,
Fico pensando em mim...

Eu fui a terra fecunda
Onde tudo que o destino deixou cair
Teve força de vida crescente
E poder criador de se multiplicar...

Eu fui a terra nua de uma idade sem data.
E as minhas árvores tem medidas que não param,
Crescendo sempre pelas raízes e pelas frondes...

Eu sou essa mata indômita,
Mar magro e farfalhante,
E impenetrável...

Mas dentro da minha sombra nunca deslisaram as
 Feras....
 E as próprias arvores de espinhos
 Tiveram sempre
 Ou resinas consoladoras
 Ou frutos doces.

(Meireles, 1928, p. 5-6).

Os versos iniciais do poema (“*Edifica-te: / Longe. / Silencioso, / Só*”) sugerem ao leitor um ideal de criação que encontra sua aderência nos princípios filosóficos que foram sustentados pelos integrantes do grupo; parecem condensar uma mensagem para seus leitores: edifica-te, constrói-te longe dos princípios; esteja alicerçado à margem da gritaria, da algazarra e volte-se para o seu interior, na busca do próprio crescimento espiritual. Pois, somente seguindo esses princípios é que se chegará a

Ser o infindável,
 Feito de renascenças sem termo...

Para lá das amarguras humanas,
 Ser o que ficará para consolo e exemplo dos que vierem,
 E cujo nome será,
 Na terra triste,
 Bençam imortal para tudo o que vive!...

Ou seja, o artista, seguindo esse conselho, entraria nas veredas da renovação e esta, por seu turno, o conduziria para que genuinamente encontrasse meios que o ajudassem a reafirmar o espírito do povo brasileiro. Pois, como preconiza o grupo,

[...] o artista voltou a ter olhos adolescentes e encantou-se, novamente, com a Vida. Mas com a Vida com V grande. A vida com o seu esplendor de beleza e com o seu esplendor de sofrimento, que afirma o espírito: esforço pela construção do homem, 'homem interior' brasileiro. O artista novo terá a alegria e a angústia de penetrar mais fundo a psique rude do Homem Brasileiro, atormentada e simplista, que fala pelos seus gritos de amor, de angústia, de ansiedade, que se humanizam nesse Homem (Brandão; Martim; Bueno; Ferrarini, 1995, p. 24).

Então, os artistas desse periódico se voltam para a interioridade do indivíduo e é nesse aspecto que a espiritualidade ganha força e expansão. É, portanto, olhando para o lado espiritual que se poderia concluir que

[...] o único vínculo que aproxima o homem do homem é essa misteriosa dimensão sintética do espírito [...]. A nossa sociedade se está fazendo em função do nosso indivíduo e, por isso, será humana, sem caracteres mecânicos, sem contingências numéricas,

toda orientada para o seu fim de conduzir, na história, o drama das almas eternas (Filho, 1927, p. 3).

Nesse cenário, o próprio poeta se torna “*a terra fecunda / Onde tudo que o destino deixou cair/ Teve força de vida crescente/E poder criador de se multiplicar...*”. Destarte, o poeta-espiritualista é um ser tão místico e tão profético que vem anunciar a criação do *modernismo continuador*, que é um tipo de modernismo que “não quer fazer tábua rasa do passado e, sim, prender-se a este passado por meio de raízes profundas. Não vem demolir toda tradição e, sim, prosseguir em uma tradição iniciada especialmente pelo Simbolismo” (Caccese *apud* Brandão; Martim; Bueno; Ferrarini, 1995, p. 24). Isto porque o movimento simbolista, para os integrantes da *Festa*, “correspondeu ao verdadeiro despertar das nossas ânsias metafísica-religioso. Foi mais do que pura corrente literária. Foi um ambiente espiritual” (Silveira, 1927, p. 10). Aí está o ambiente em que se promove essa articulação entre o universalismo com a tradição. Contudo, diferentemente da proposta literária do simbolismo brasileiro, este mensário “quis trazer a figura da esperança, a figura do otimismo, a figura da alegria para a criação estética. Foi um dos pontos capitais, a espiritualidade, não aquela espiritualidade sombria, tétrica, dos simbolistas, aquela acentuação da morte, do além do outro mundo, da religião sombria” (Simões, 1977, p. 6). Assim, a arte e o pensar desses intelectuais/artistas promoveram a religião do verbo pela via da esperança, do otimismo e da alegria.

Nessa atmosfera espiritual, esses fatores se agregam, tornando forças que se potencializam na medida em que uma precisa do outra para fertilizar o que se consagra como a espiritualidade da renovação brasileira. Essa conjectura fica mais fácil de ser compreendida quando a projetamos num poema. Para esse caso, temos o poema “Oração”, de Augusto Meyer, publicado no nº 7, no ano de 1927. Nele, observa-se a baliza entre essas duas forças (universalismo / tradição) no ambiente espiritual:

A porta se abre para o mundo claro...
Mistério desta árvore bondosa...

Árvore,
coisa rude e perfeita agarrada à terra,
palma aberta no céu, raiz no chão.

Apalpo a casca do tronco.
Meu olhar mergulha na dança aérea do folha-me.

Árvore,
olha a teus pés o homem das pupilas inquietas e das mãos que não param.
Vertical e andarengo, ele mede o mundo:
seu olhar abraça a curva do azul.

Ensina-me a brotar!
Ensina-me a ficar!
Ficar na contemplação da mesma sombra satisfeita...

Ensina-me a subir — subir a mim.

Claro, profundo quero o meu destino:
Que eu seja uma força tão bondosa e tão larga como esta árvore
verde

Espalhada no azul...

Erguer os braços bem alto e gritar o meu amor!
(cada palavra seja o orvalho sobre a dor).

Nasci ao meio-dia quando as sombras morriam,
Cigarras cantavam bebendo o sol —
Mas tenho pena da sombra,
Tenho pena da sombra!

Que eu seja força tão profunda e tão humilde como raiz desta
Árvore agarrando o chão...

(Meyer, 1928, p. 5).

De início logo se vê que Augusto Meyer fez simbolicamente um recorte da imagem da árvore, sugerindo que signifique o elemento representativo da espiritualidade universalista, posto que há na formatação da árvore “uma luta gigantesca de forças antagônicas” (Silveira, 1927, p. 12). Em outros termos, traduzimos essa assertiva nas palavras do poeta quando diz: “*Árvore, /coisa rude e perfeita agarrada à terra, /palma aberta no céu, raiz no chão*”. Numa significação mais aprofundada, pontua-se que

[...] ela [árvore] é a terra que se levanta para beber o espaço e ganhar o infinito. É a terra numa ânsia de desprender-se das forças que a congregam, para dispersar-se no cosmos. Mas o impulso formidável é contido pela lei da forma. E do conflito imenso, resulta a vibração, o interior estremecimento que sentimos em todos os elementos de uma árvore. (Silveira, 1927, p. 12, grifo nosso).

Logo, tais poetas enxergam na figura da árvore um símbolo místico que atrela em sua espacialidade duas forças assimétricas que se potencializam mutuamente, sendo a espiritualidade o ponto de equilíbrio entre essas duas forças. Por isso, o eu-lírico do poema diz:

Árvore,
olha a teus pés o homem das pupilas inquietas e das mãos que não
param.
Vertical e andarengo, ele mede o mundo:
seu olhar abraça a curva do azul.

Com isso, finalizamos a leitura de alguns poemas e chegamos à conclusão de que a renovação da arte, a continuidade da tradição e o enlace espiritualista universalista são o fio condutor que menea os artistas da *Festa* tanto nos textos

ensaísticos quanto nos textos poéticos. Por fim, cabe teorizar que os poemas apresentados acima nos mostram que

[...] o seu canto é ‘feito de ritmos livres, elásticos e ágeis como músculos de atletas, velozes e altos como subtilíssimos pensamentos, e sobretudo palpitantes do triunfo interior que nasce das adivinhações maravilhosas’ [e que] encontram a interpretação hodierna do mundo visto sob o prisma do gênio, da sensibilidade, do espírito brasileiro. (Peres, 1928, p. 21, aspas nossas).

4 SEM PERDER O VISLUMBRE DA FESTA: UMA CONCLUSÃO

Todo percurso que fizemos até aqui serviu para mostrar que de fato o mensário de pensamento e arte alcançou de maneira assertiva uma nova mentalidade modernista. À luz disso, visualizamos que esse mensário carioca, nos seus 13 números de publicação da primeira fase (1927-1929), desenhou a brasilidade por meio da universalidade espiritualista. Dessa forma, ratificamos que ela representa “um impulso que se tornava já irreprimível, uma reunião de forças que sentiam a necessidade de se fazerem interativas” (Salgado, 1927, p. 16). Portanto, compreendemos que os integrantes desse periódico se assumiam como “uma crítica que discrimina [...] um contato mais íntimo do homem com a Terra, a fusão do objeto e da expressão, o indivíduo sabendo quem é, satisfeito de ser quem é – não querendo ser outra coisa” (Abilio, 1927, p. 3). Por isso, a nosso ver, mesmo que o eu poético personifique a Terra, ainda que para desejá-la, ele está sendo cabalmente místico e aí está a sua transcendência universalista, pois a sua linguagem poética é capaz de fundir sujeito e objeto num “todo” que se mantém coerente com o princípio de totalidade que é pensado por diversos teóricos da mística – os versos de Meyer aqui analisados, “*que eu seja força tão profunda e tão humilde como raiz desta / Arvore agarrando o chão...*”, certamente poderiam figurar qualquer livro de mística.

Além disso, evidenciamos também que o grupo do modernismo continuador arquitetou esse periódico com o intuito de elevar a mentalidade intelectual brasileira na sua natureza mais íntegra e genuína, pois “os nossos talentos, para não gongorizar no termo fácil de gênio, não duram no cenário, ou das ciências, ou das artes, ou das letras. Faíscam. Fuzilam. Fosforescem [mas, no fim, são apenas] pirilampeios de flamas fugazes” (Chiacchio, 1929, p. 12, grifos nosso). Isto porque os intelectuais, ao invés de serem o que são, emulam outra coisa e, por isso, malogram. Dessa forma, “se algo é preciso fazer [...] é arrancar-lhes das mãos essas flores de papel, que agitam nos torneios da inteligência, e chamar-lhes a atenção para flores da sinceridade que vivem das raízes que fincam tentáculos no humus da terra materna” (Chiacchio, 1929, p. 12). Foi à luz disso que a onda de renovação se instituiu, trazendo consigo uma nova concepção de arte moderna ligada ao espiritualismo universalista — com toda sua mescla o grupo conseguiu traduzir a *brasilidade universalista* (Silveira, 1929, p. 4) e, por isto, a arte deste momento foi de uma alegria criadora tamanha.

Para todos os fins, essa empreitada nos mostrou que a ressonância da revista *Festa* trouxe contribuições imensuráveis para o modernismo brasileiro.

Além disso, evidenciou que a revista ainda é um terreno pouco explorado pela crítica.

Concluimos este trabalho nos apropriando de uma colocação de Tasso da Silveira (1928, p. 8), onde afirma a sua vontade de querer que "o que o mundo de nós receba seja honestamente nosso. Mesmo porque, se assim não fosse, não lhe interessaria". Pois o mundo, para os homens de *Festa*, carece desse algo "honestamente nosso", que é a nossa sinceridade, a linguagem sincera que deve ter a nossa poesia, cumprindo assim os princípios do grupo. Mais adiante, Tasso continua: "Não nos fechamos ao influxo estrangeiro, como Berlim não se fecha, como Londres não se fecha. Mas recusamo-nos à imitação servil. Porque o próprio do espírito é criar, e criar de si mesmo" (Silveira, 1928, p. 8). O nosso trabalho, portanto, procurou demonstrar como a poesia circulada em *Festa* viabilizou essa que, para nós, é a linha de força fundamental da poética do grupo, isto é, o desvendar de um espírito criativo e criador ao mesmo tempo, pois é no espírito que se pode operar o todo entre sujeito e objeto e propiciar "... o *infindável, feito de renascenças...*", como vimos no poema de Cecília Meireles.

Referências

ABILIO, Henrique. A modernidade universalista da Arte. *Festa: mensário do pensamento e arte*. 1927. Ed. Online. Rio de Janeiro. nº 1. p.6-7. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=164526&pagfis=6> Acesso: em 10 fev. 2023.

ABILIO, Henrique. O descobrimento do Brasil. *Festa: mensário do pensamento e arte*. 1927. Ed. Online. Rio de Janeiro. nº 1. p.6-7. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=164526&pagfis=6> Acesso: em 10 abril. 2024.

ABILIO, Henrique. O fumo da Chaminé. *Festa: mensário do pensamento e arte*. 1927. Ed. Online. Rio de Janeiro. nº 1. p.18. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=164526&pagfis=18> Acesso: em 10 fev. 2023.

ABILIO, Henrique. A realidade brasileira. *Festa: mensário do pensamento e arte*. 1927. Ed. Online. Rio de Janeiro. nº 3. 1927. p.3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=164526&pagfis=43> Acesso: em 09 dez. 2022.

ATHAYDE, Tristão. O grupo de "Festa" e sua significação: Gente de Amanhã. *Festa: mensário do pensamento e arte*. 1927. Ed. Online. Rio de Janeiro. nº 6. 1927. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=164526&Pesq=espiritualismo&pagfis=115> Acesso: em 09 nov. 2022.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 2021.

BRANDÃO, Euro; MARTIM, Ireneu; BUENO, Jayme Ferreira; FERRARINI, Sebastião. Tasso da Silveira, O poeta. *Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes*, Curitiba, v. 9, p. 7-28, jul.

1995. Disponível em: <https://static.pucpr.br/2017/01/revista-do-ceb-namero-9-julho-de-1995> pdf. Acesso em: 5 fev. 2023.

CHIACCHIO, Carlos. Tradicionismo Dynamico. *Festa*: mensário do pensamento e arte. 1927. Ed. Online. Rio de Janeiro. nº 13. p.11-13. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=164526&pagfis=298> Acesso: em 18. dez 2022.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*: era modernista. Rio de Janeiro: EDUFF. 1986.

FILHO, Barreto. O espirito solitário. *Festa*: mensário do pensamento e arte. 1927. Ed. Online. Rio de Janeiro. nº 5. p.3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=164526&pagfis=82> Acesso: em 10 fev. 2023.

PERES, Leopoldo. O grupo de “Festa” e sua significação. *Festa*: mensário do pensamento e arte. 1928. Ed. Online. Rio de Janeiro. nº10 p. 20-21 Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=164526&Pesq=moema&pagfis=223> Acesso: em 6 mar. 2023.

SALGADO, Plínio. Significado da Anta. *Festa*: mensário do pensamento e arte. 1927. Ed. Online. Rio de Janeiro. nº04 p.15-16 Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=164526&Pesq=moema&pagfis=75> Acesso: em 7 jan. 2023.

SILVA, Mário Camarinha da (org.). *Festa*: Mensário de pensamento e arte. 1927/1929. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: PLG-Comunicação: Inelivro, 1980

SILVEIRA, Tasso da. A arvore. *Festa*: mensário do pensamento e arte. 1927. Ed. Online. Rio de Janeiro. nº3. p.12. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=164526&pagfis=52> Acesso: em 20 fev. 2023.

SILVEIRA, Tasso da. Bençam. *Festa*: mensário do pensamento e arte. 1927. Ed. Online. Rio de Janeiro. nº4. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=164526&pagfis=6> Acesso: em 13 fev. 2023.

SILVEIRA, Tasso da. Queremos ser ou o nacionalismo brasileiro. *Festa*: mensário do pensamento e arte. 1928. Nº8. p.7-10. Online. Rio de Janeiro. nº8. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=164526&pagfis=155> Acesso: em 21 mai. 2023.

SILVEIRA, Tasso da. A enxurrada. *Festa*: mensário do pensamento e arte. 1927. Ed. Online. Rio de Janeiro. nº4. p. 6-7. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=164526&pagfis=66> Acesso: em 09 fev. 2023.

SILVEIRA, Tasso da. Batuque p’ra começar. *Festa*: mensário do pensamento e arte. 1929. Ed. Online. Rio de Janeiro. nº13. p.3-4 Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=164526&Pesq=moema&pagfis=290> Acesso: em 20 jan. 2023.

SILVEIRA, Tasso da. O simbolismo brasileiro. *Festa: mensário do pensamento e arte*. 1927. Ed. Online. Rio de Janeiro. nº3. p.10-11 Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=164526&pagfis=50> Acesso: em 30 nov. 2022.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Do barroco ao modernismo: estudos da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos: 1979.

SIMÕES, Neusa Quirino. Conversando sobre “Festa”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 19, p. 113-120, 1977.

Para citar este artigo

REIS, Gustavo Santos; ANDRADE, Alexandre de Melo; ARAUJO, Rodrigo Michell dos Santos. Perspectiva mística do modernismo brasileiro: os poetas e os poemas que fizeram a revista *Festa*. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 1, p. 324-345, jan.-abr. 2024.

Autoria

Gustavo Santos Reis é graduando em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe e desenvolve pesquisa sobre a revista *Festa* no âmbito da iniciação científica (PIBIC/UFS), no projeto intitulado “Poesia mística do Modernismo brasileiro: estudo das duas fases da revista *Festa*”. E-mail: gustavoreis.ufs@gmail.com; ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0000-6912-3429>.

Alexandre de Melo Andrade é doutor em Letras/Estudos Literários pela UNESP/Araraquara. Atua como professor adjunto no Departamento de Letras Vernáculas, da Universidade Federal de Sergipe (DLEV//UFS), no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFS) e no Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras (PROFLETRAS/UFS). É editor-chefe da revista de letras *Travessias Interativas*, ligada ao Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe. Coordena o projeto “Poesia mística do Modernismo brasileiro: estudo das duas fases da revista *Festa*” (DLEV/UFS). É bolsista de produtividade do CNPq, nível 2. Email: ale1976@academico.ufs.br; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8467-607X>.

Rodrigo Michell dos Santos Araujo é doutor em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe e doutorando em Letras/Estudos Literários pela Universidade Federal de Sergipe. Integra, como colaborador, o projeto “Poesia mística do Modernismo brasileiro: estudo das duas fases da revista *Festa*”. E-mail:

rodrigoaraujo@academico.ufs.br; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0473-3995>.